

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL  
MEC/UFRGS – 2º EDIÇÃO**

**Fernanda Bittencourt de Oliveira**

***Literatura Infantil e scripts de gênero: com a palavra as crianças***

**Porto Alegre**

**2016**

Fernanda Bittencourt de Oliveira

***Literatura Infantil e scripts de gênero: com a palavra as crianças***

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito obrigatório para aprovação no Curso de Especialização em docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jane Felipe.

Porto Alegre  
1º semestre 2016

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao MEC pelo oferecimento do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, pela formação de qualidade e pela abordagem de temáticas importantes e essenciais com vistas a qualificar o trabalho desenvolvido junto às crianças deste nível de ensino.

Aos professores e professoras do curso por suas contribuições, pelas reflexões, discussões, ensinamentos e demonstração de empenho, dedicação e olhar sensível para a Educação Infantil.

À minha orientadora Jane Felipe, pelas conversas, apontamentos e sugestões, por contribuir com seu vasto conhecimento sobre pesquisa e gênero para qualificar meu trabalho.

Aos colegas de orientação, companheiros nesta etapa final. Priscila, Eduardo e Érica, obrigada pelas conversas, trocas, sugestões e também pelos momentos de descontração que deram leveza para a caminhada.

À Lizia e Ana Paula, às quais tive a alegria de reencontrar na caminhada pela Educação Infantil. Obrigada por trilharem esta parte do caminho comigo e pelos bons momentos e experiências que compartilhamos. Um viva aos reencontros!

À equipe diretiva da escola e às famílias, pela disponibilidade e consentimento para que eu realizasse a pesquisa com as crianças e à minha querida colega de trabalho Graziela, pela parceria com que participou deste momento comigo.

Às crianças do Maternal 2A, pelos momentos que vivenciamos não só durante a pesquisa, mais ao longo de todo o ano de 2015. Agradeço pelo tanto que me ofereceram, pelas alegrias que fizeram deste um ano memorável e especial.

Aos familiares e amigos, em especial aos meus pais Watteau e Isabel e meus irmãos Watteau, André e Luciana, por todo apoio e auxílio durante este percurso, pelo incentivo e motivação.

Gratidão!

*“[...] Perde-te na biblioteca. Exercita-te no escutar. Aprende a ler e a escrever de novo. Conta-te a ti mesmo tua própria história. E queima-a logo que a tenhas escrito. Não sejas nunca de tal forma que não possas ser também de outra maneira. Recorda-te de teu futuro e caminha até a tua infância. E não te perguntes quem és àquele que sabe a resposta, nem mesmo a parte de ti mesmo que sabe a resposta, porque a resposta poderia matar a intensidade da pergunta e o que se agita nessa intensidade. Sê tu mesmo a pergunta”.*

Jorge Larrosa

## RESUMO

Considerando a relevância de aprofundar as discussões referentes à temática de gênero na Educação Infantil, o presente trabalho visa apresentar os resultados de uma pesquisa-ação, de caráter qualitativo, que teve como objetivo investigar as manifestações de crianças na faixa etária 3-4 anos de uma escola municipal de educação infantil de Porto Alegre sobre gênero através da leitura de quatro livros infantis que trazem em seu enredo questões referentes a este tema. Além disso, foi considerada também a observação de situações que pudessem surgir em diferentes momentos da rotina após a realização da proposta, buscando evidenciar que representações apresentam e refletindo de que forma tais concepções são construídas na nossa cultura. A pesquisa encontra-se ancorada teoricamente nos Estudos sobre Gênero em FELIPE, GUIZZO & BECK (2013), LOURO (2003) e MEYER (2008) e reflexões sobre Literatura Infantil a partir das contribuições de ABRAMOVICH (1997) e LAJOLO & ZILBERMAN (1999). Os resultados apontam para um cruzamento entre o que as crianças observam enquanto constituintes de uma cultura que ainda hoje legitima, demarca e estabelece modos de ser e endereçamentos para homens e mulheres - determinando a constituição de suas masculinidades e feminilidades – e o que elas estabelecem espontaneamente a partir de seus próprios conceitos e representações. Assim, foi possível perceber que apresentavam em alguns momentos posturas e visões adultocêntricas sobre as questões de gênero - surgindo a partir daí alguns estranhamentos pelas situações com as quais foram confrontadas através das histórias - enquanto que em outros é possível identificar manifestações singulares que rompem com tais discursos, vivenciando, neste processo, as questões de gênero na escola infantil sob um viés mais igualitário.

**Palavras-Chave:** Educação Infantil. *Scripts* de Gênero. Literatura.

## SUMÁRIO

<b>1 SOBRE VIVÊNCIAS E ATRAVESSAMENTOS.....</b>	<b>7</b>
<b>2 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO E LITERATURA INFANTIL .....</b>	<b>10</b>
2.1 Conceito de gênero e seu aspecto relacional .....	10
2.2 Apontamentos sobre os <i>scripts</i> de gênero.....	11
2.3 Literatura Infantil: instrumento de diálogo <i>com</i> e <i>entre</i> as crianças .....	13
<b>3 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>16</b>
3.1 Da escolha pela pesquisa <i>com</i> crianças .....	16
3.2 A escola e participantes .....	17
3.3 Procedimentos de pesquisa .....	19
3.4 Coletando os dados .....	22
<b>4 ENTRE HISTÓRIAS E PERSONAGENS, AS VOZES DAS CRIANÇAS ....</b>	<b>25</b>
4.1 Daquilo que permanece: polifonia de vozes .....	26
4.2 Travessias e espontaneidades.....	30
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>48</b>

## 1 SOBRE VIVÊNCIAS E ATRAVESSAMENTOS

Ao longo dos últimos anos é perceptível uma crescente valorização da Educação Infantil, especialmente pelo fortalecimento de seu caráter educativo a partir da Constituição Federal de 1988 e de sua definição enquanto primeira etapa da Educação Básica pela Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394/96).

Neste processo, diversas questões e temáticas passaram a ser (re) pensadas no trabalho com as crianças pequenas, visando à qualidade no atendimento às suas necessidades e sobre como se estabelecem os seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Dentro deste movimento podemos olhar para situações diversas que fazem parte do cotidiano das crianças que perpassam as propostas e planejamentos realizados pelos professores na escola. Este atravessamento se dá a partir do que as crianças vão descobrindo por si mesmas e a partir da interação e diálogo com outras pessoas, crianças ou adultos. E foi passando por um destes processos de atravessamento junto à minha turma que defini a temática desta pesquisa.

Assim, o presente trabalho visa apresentar um estudo referente às manifestações de crianças na faixa etária 3-4 anos de uma escola municipal de educação infantil de Porto Alegre sobre questões de gênero através da literatura infantil, buscando evidenciar quais as representações que elas apresentam sobre esta temática e refletindo de que forma tais concepções são construídas na nossa cultura.

Como já relatado, a escolha pelo tema se deu especialmente em virtude de situações que vivenciei ao longo do ano de 2015 junto à turma de Maternal 2, onde atuei como professora, com crianças na faixa etária dos 3-4 anos.

O trabalho com a referida turma foi desafiante em vários aspectos, sobretudo no que diz respeito à forma como as crianças foram estabelecendo suas relações, na maioria das situações do cotidiano pautada nas questões de gênero, essas que foram instigando meu olhar para as discussões acerca desta temática.

Ao longo dos dias, em diferentes momentos surgiam comentários diversos sobre o que é direcionado para meninas ou meninos – roupas, brinquedos e cores dos materiais utilizados nas propostas, nomeados por algumas crianças como “cor de menina” ou “cor de menino”. Em suas brincadeiras por vezes criavam situações

em que diziam namorar os colegas. As crianças também utilizavam brinquedos da sala (bonecos e bonecas) para representar esta situação.

Refletindo sobre quais abordagens são importantes e contribuem de forma significativa no desenvolvimento das crianças é que busco investigar o que elas estão dizendo e pensando sobre os *scripts* de gênero, quais são as suas manifestações sobre a construção das feminilidades e masculinidades quando de encontro com questões tão demarcadas por elas.

A escolha por desenvolver a pesquisa através da leitura de histórias da literatura infantil se deu principalmente por ser este um momento apreciado e bem aproveitado pela turma, visto que somente ou especialmente na escola é que as crianças vivenciam situações de leitura e contação de histórias, de acordo com o que foi relatado pelas famílias no momento das entrevistas realizadas no início do ano letivo.

Portanto, a partir destas considerações pretendi, ao longo do trabalho, responder a seguinte questão: *Como as crianças na faixa etária 3-4 anos de uma escola municipal de educação infantil entendem e manifestam suas concepções a respeito dos scripts de gênero a partir da leitura de histórias que apresentam em seu enredo questões relativas às masculinidades e feminilidades?*

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação, de caráter qualitativo, tendo como metodologia a coleta de dados por meio de um pequeno projeto que consistiu na leitura de quatro livros infantis que trazem em seu enredo questões referentes à temática de gênero. A partir das leituras foram feitos registros através de imagens e anotações em diário de campo contendo as falas e manifestações do grupo. Depois da contação, problematizei as histórias e seus personagens através de perguntas e também da observação de situações que pudessem surgir nos diferentes momentos da rotina após a realização da proposta.

Para dar início ao trabalho são apresentadas as abordagens teóricas que o embasam, com o intuito de facilitar a compreensão da investigação apresentada e evidenciar de que forma as questões de gênero vem sendo problematizadas. Além disso, apresento as contribuições da literatura infantil e do livro como um instrumento pedagógico potente e um importante suporte para o diálogo *com* e *entre* as crianças.

O terceiro capítulo mostra os caminhos percorridos durante a realização da pesquisa, apresentando o grupo de crianças participantes do estudo, bem como o



processo e os procedimentos para a coleta de dados, explicitando ao final como estes foram organizados.

O quarto capítulo aborda as duas categorias de análise que emergiram do material obtido, estas intituladas: Daquilo que permanece: polifonia de vozes; Travessias e espontaneidades.

No encerramento do trabalho apresento as considerações da pesquisa, ressaltando suas contribuições e as aprendizagens pessoais que ela proporcionou.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO E LITERATURA INFANTIL

### 2.1 Conceito de gênero e seu aspecto relacional

Para a compreensão do conceito de gênero é preciso principalmente observar seu caráter dinâmico, perpassado por ressignificações e desdobramentos a partir das diferentes abordagens e discussões desenvolvidas com o passar dos anos e que dão, portanto, evidência a esta característica.

As discussões e estudos sobre o tema começaram a ser delineadas no campo teórico ao final do século XX, dando continuidade às ocupações iniciais no campo político e social, conquistado pelo movimento feminista até então. Neste processo, o conceito de gênero passa a operar buscando evidenciar que as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres eram construídas socialmente e não biologicamente determinadas. Como bem define Souza (1995),

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à ideia de essência, recusando assim qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres, empreendendo desta forma, uma visão naturalizada, universal e imutável dos comportamentos. Tal determinismo serviu muitas vezes para justificar as desigualdades entre ambos, a partir de suas diferenças físicas.

Portanto, “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”. (LOURO, 2003, p. 21).

Com isso, ainda que as discussões sobre gênero tenham surgido a partir das pautas reivindicadas pelas mulheres e que as pesquisas e discussões fizessem referência às suas urgências, o conceito amplifica seu sentido, pois além de estudos sobre as mulheres, passa a incluir e potencializar discussões em torno das masculinidades, contemplando o caráter relacional dos gêneros e considerando o cruzamento de outros aspectos que constituem esta relação, conforme nos aponta Souza (1995):

[...] as pesquisas neste campo têm se voltado para o caráter relacional dos gêneros, entendendo que mulheres e homens, meninas e meninos são formados em relação - uns com os outros e também no entrecruzamento de outras categorias, como classe social, religião, etnia, nacionalidade, geração [...] Os estudos de gênero não se limitam, portanto, aos estudos de/sobre mulheres, mas incluem também a discussão em torno da

construção das masculinidades, problematizando de que forma elas têm sido colocadas em discurso [...].

Cabe destacar também que “na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando” (LOURO, 2003, p. 23). Nesse sentido, convém ressaltar que as representações sobre homens e mulheres são constituídas e mobilizadas em determinado contexto histórico, social e cultural.

Considerando as práticas sociais e culturais enquanto protagonistas na constituição de homens e mulheres, há de se destacar que imposições sobre comportamentos compõem desde muito cedo a educação das crianças - participantes deste processo antes mesmo de seu nascimento.

A partir da descoberta do sexo do bebê, este automaticamente torna-se “refém” de práticas e discursos porvir, que destacam e padronizam determinados comportamentos: força e agilidade para homens/meninos; sensibilidade/fragilidade para mulheres/meninas. É sob esses padrões que vão sendo estruturados os *scripts* de gênero, novo conceito que será apresentado no texto que segue.

## **2.2 Apontamentos sobre os *scripts* de gênero**

Como foi possível evidenciar, imposições colocadas aos sujeitos sobre seus modos de ser e se comportar de acordo com o seu sexo foram sendo determinadas e constituídas social e historicamente e se perpetuam até os dias de hoje, de tal forma que permanecem sendo reproduzidas de maneiras muitas vezes tão sutis que passam despercebidas pelos sujeitos, tornando-se assim “naturais”.

Nesse sentido, “as crianças, desde que nascem, estão, obviamente, inseridas em toda e qualquer construção social que possa ser feita a partir delas e do fato de serem meninas ou meninos”. (SAYÃO, 2003, p. 72). Ou seja, é ainda na infância que as masculinidades e feminilidades vão sendo determinadas, e a partir daí “[...] expectativas das mais diversas ordens vão sendo tecidas e muito bem tramadas (ou amarradas) ao longo das nossas vidas [...] -, dizendo-nos como devemos ser e nos comportar”. (FELIPE; GUIZZO, 2016, p. 01).

Partindo destas considerações, as autoras Bianca Guizzo e Jane Felipe apresentam o conceito de *scripts* de gênero, em que consideram tais imposições enquanto “roteiros, definições, normas, apontamentos [...] que prescreveriam as

condutas dos sujeitos” (idem, 2016, p. 02). A partir desta definição, convidam o leitor a pensar criticamente todas estas prescrições, de modo a problematizar e questionar tais *scripts*, rompendo a rigidez pela qual os mesmos se constituem.

As considerações feitas pelas autoras apontam para as diferentes instituições em que os sujeitos estão inseridos– família, escola, religião, etc. - e discursos que os perpassam e contribuem para a inscrição e elaboração destes *scripts*. Com isso, cabe destacar que

Determinados modos de ser menino ou ser menina, lugares e posições que cada um pode ocupar, são mostrados com frequência em múltiplas instâncias (na TV, em revistas, livros infantis, em peças publicitárias) como se fossem ‘naturais’ e, por consequência, incontestáveis. Dessa forma, modos de ser e estar no mundo, posições de sujeitos e lugares específicos, vão sendo inseridos ao discurso do senso comum. (GUIZZO, 2013, p. 33)

Partindo destas considerações, corroboro com a afirmação de MEYER (2013, p. 20) quando a autora descreve que

[...] O conceito de gênero propõe [...] um afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou resignificação.

Nesse sentido, é importante destacar a necessidade de percebermos o conceito de gênero de forma mais profunda e ampla, buscando compreender as diversas formas pelas quais estas diferenças vêm sendo constituídas em nossa cultura e sociedade no momento histórico atual.

Enfatizo ainda que “ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança”. (LOURO, 2003, p. 35). A investigação trazida por esta pesquisa é, portanto, parte deste processo.

## 2.3 Literatura Infantil: instrumento de diálogo *com e entre as crianças*

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (ABRAMOVICH, 2005, p. 16)

Esta seção traz algumas reflexões acerca das contribuições da literatura infantil enquanto mobilizadora de diversas experiências e sobre o seu papel na produção das identidades e representações culturais dos sujeitos.

As autoras Lajolo & Zilberman (1999) apresentam em sua obra um resgate histórico da literatura infantil, mostrando a forma como os livros para a infância se constituem em importantes materiais para a educação, a relevância de seu estudo e o surgimento de uma preocupação com este momento inicial da vida a partir da produção deste material para as crianças.

A literatura infantil é, portanto, algo contingente e histórico, que foi se (re) construindo até os dias de hoje em que pode ser considerada como um importante meio para provocar nas crianças, desde a educação infantil, experiências e vivências enriquecedoras do mundo que as cerca. A partir desta consideração, cabe destacar que

[...] somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciarmos a elas, desde muito cedo, um contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias, em primeiro lugar e, após, com o conteúdo desse objeto, a história propriamente dita – com seus textos e ilustrações. (KAERCHER, 2001, p. 82)

Além disso,

Apesar de ser um instrumento usual de formação da criança [...] participando, nesse caso, do mesmo paradigma pragmático que rege a atuação da família e da escola, a literatura infantil equilibra – e, frequentemente, até supera – essa inclinação pela incorporação ao texto do universo afetivo e emocional da criança. Por intermédio desse recurso, traduz para o leitor a realidade dele, mesmo a mais íntima, fazendo uso de uma simbologia que se exige para efeitos de análise, a atitude decifradora do intérprete, é assimilada pela sensibilidade da criança. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 20).

Partindo destas considerações é possível perceber o quanto o livro, enquanto material elaborado e constituinte da cultura, torna-se também uma ferramenta pedagógica de educação das crianças, contribuindo não somente para sua formação

enquanto leitora como também para as diferentes e diversas temáticas que podem ser exploradas através das histórias e enredos que trazem.

Para Argüello (2013, p.109), “o valor que a linguagem tem no mundo social transcende as fronteiras de sua função de comunicação e expressão, uma vez que ela permite que o sujeito possa fundar-se e reconhecer-se como tal, possa conhecer e apropriar-se do mundo e dos seus significados”. Ao fazer este apontamento, a autora afirma que a literatura é “um veículo da linguagem”.

Considerando os apontamentos feitos pela autora, é possível compreender a linguagem e a leitura para além das convenções falar e ler e na medida em que se obtém esta compreensão será possível para as crianças vivenciarem estas diferentes formas de linguagem e leitura, através da literatura infantil, de seus livros e histórias.

Com isso, se percebe os benefícios de apresentar às crianças o mundo fantástico da literatura infantil desde cedo, tendo em vista suas importantes contribuições para o desenvolvimento do potencial crítico das mesmas, através do qual se torna possível a exposição de seus pensamentos, perguntas, hipóteses (ABRAMOVICH, 2005, p. 143).

Conforme apontam vários estudos do campo acadêmico, “a literatura tem sido um importante artefato cultural na fabricação das identidades de gênero” (ARGÜELLO, 2013, p. 110). Voltando-se para a temática da pesquisa apresentada neste trabalho, se torna importante e objetivo deste parágrafo ressaltar que os livros, enquanto artefatos culturais produzem significados; suas histórias e enredos não são de forma alguma neutros, pois através do caráter pedagógico que possuem podem transmitir e ensinar determinadas condutas aos sujeitos.

De encontro a isso podemos evidenciar a produção de histórias que questionam determinismos e que visam contribuir para o trabalho em sala de aula acerca de questões como gênero que atravessam o cotidiano escolar e muitas vezes são velados ou negados por parte dos profissionais justamente por não saberem de que forma abordar este tipo de discussão.

Enfatizar as contribuições da literatura e dos livros infantis enquanto dispositivos pedagógicos não impede de reconhecer a necessidade e importância de vivenciar junto às crianças momentos de leitura por prazer, pelo simples desejo de manusear os livros, observar suas ilustrações e recontar histórias junto aos colegas,

estabelecendo assim uma importante contribuição para a formação destas também enquanto leitoras.

Contudo, o intuito de utilizar os livros infantis na pesquisa diz respeito ao fato de sobre o quanto este material pode ser um importante instrumento para potencializar trabalho e as ações pedagógicas, trazendo questões e temáticas que podem – e devem – ser problematizadas junto às crianças e/ou a partir de suas próprias hipóteses e dúvidas.

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Da escolha pela pesquisa *com* crianças

Conforme aponta Felipe (2004, p. 01), nos últimos anos as pesquisas sobre crianças tem ganhado grande visibilidade. Contudo, a autora salienta que as temáticas que envolvem tais estudos “remetem-se principalmente às questões de desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo da criança, bem como a questões mais ligadas à formação de profissionais, propostas pedagógicas e curriculares e políticas públicas para a infância”.

Nesse sentido, ainda que as infâncias tenham conquistado um importante espaço no campo acadêmico, pesquisas que trazem as crianças como protagonistas e a temática de gênero como foco de análise, articulando estes dois eixos, surge timidamente, em menor escala. Ainda “grande parte dos estudos envolvendo a infância têm se pautado por uma perspectiva adultocêntrica, pois elas só aparecem nas pesquisas do ponto de vista dos adultos e de seus interesses específicos [...]” (idem, 2004, p. 04).

O convite para refletir sobre e realizar a pesquisa com as crianças partiu de minha orientadora, sugerindo que eu investigasse sobre a temática de gênero dialogando com os principais protagonistas, buscando compreender suas vivências a partir das suas próprias falas. Além disso, “estudá-los a partir deles/as próprios/as implica conhecer melhor suas trajetórias e contextos de vida” (SAYÃO, 2003, p. 83). Busco então, a partir da decisão de ter as crianças como protagonistas de meu estudo, contribuir para a discussão e reflexão acerca destas questões.

Demartini (2005, p. 2) destaca a importância de aprender a ouvir as crianças, convidando-nos a refletir sobre até que ponto escutamos suas vozes. Acredito que em nosso trabalho enquanto professoras e professores de educação infantil a missão de aprender a ouvi-las é constante, diária e se intensifica ainda mais quando na pesquisa em que pretendemos tê-las como sujeitos.

Seguindo o mesmo propósito, Barbosa & Filho (2010, p. 13) ressaltam a necessidade de enfrentar os desafios que este tipo de pesquisa coloca, buscando desta forma qualificar as vozes das crianças, “efetuar um exercício de observação, percepção, penetração, participação e interação no aqui e agora delas”.



Sendo esta uma experiência nova para mim, me motivei a buscar referências que auxiliassem a compreensão do processo de realização deste tipo de pesquisa. Dentre inúmeras leituras encontrei como um suporte importante o trabalho de conclusão de curso de Lutiane Narodowski (2014), intitulado *“Dialogando com crianças sobre gênero no contexto da cultura de pares”*. No referido estudo, além de trazer questões conceituais afins à minha temática, a autora mostra diversos caminhos possíveis no que diz respeito à pesquisa com crianças, apresentando um levantamento bibliográfico sobre pesquisas realizadas no campo acadêmico que utilizam as falas das crianças como foco de análise. Além disso, mostra também algumas estratégias metodológicas elaboradas e adotadas nesta linha de investigação.

Debruçando-me sobre a temática, a pesquisa de Argüello (2005) também representou um importante material de apoio visto que ao longo de todo seu trabalho são discutidas questões relativas a gênero no diálogo com as crianças, utilizando como instrumento metodológico livros não-sexistas da literatura infantil.

### **3.2 A escola e participantes**

A instituição onde a pesquisa foi realizada é uma escola municipal de educação infantil localizada na zona norte da cidade de Porto Alegre. Inaugurada em março de 2015, esteve em seu primeiro ano de funcionamento atendendo por volta de 160 crianças de zero a cinco anos em turno integral, das 7h às 19h.

O atendimento às turmas é feito por equipes compostas de monitoras no turno da manhã e à tarde por monitoras e uma professora referência. As referidas turmas são nomeadas da seguinte forma: Berçário 1, Berçário 2, Maternal 1, Maternal 2A, Maternal 2B, Jardim A e Jardim B. No turno da tarde são oferecidas ao longo da semana aulas com professoras/es especializadas/os de Música e Educação Física.

As instalações físicas são compostas por um espaço de recepção na chegada à escola, secretaria, sala da equipe diretiva, sala de professores, almoxarifado, depósito, banheiros, área para a equipe de limpeza, sala de multiatividades, refeitório na área central da escola, cozinha, lactário, pátio, sete salas de aula com

solários e banheiros para as crianças de Maternal 2 a Jardim B (as salas das turmas de Berçário e Maternal 1 possuem banheiros nos locais).

A turma Maternal 2 A era composta por 18 crianças, sendo 10 meninos e 8 meninas na faixa etária 3-4 anos. Considerando o período em que a investigação foi realizada (dezembro de 2015), a maioria delas já havia completado seus 4 anos.

Uma das principais características do grupo é o fato de que algumas crianças nunca haviam frequentado a escola anteriormente, enquanto as demais vinham de outras instituições de educação infantil, especialmente de creches conveniadas pela prefeitura. Embora fosse possível evidenciar que algumas crianças já se conheciam de outros espaços – escolas anteriores, vizinhança, parentescos – foi necessário durante o período de adaptação e ao longo de todo o primeiro semestre um processo em que as crianças fossem estabelecendo um sentimento de pertencimento e reconhecimento de seus colegas enquanto turma, processo este desenvolvido com êxito por toda a equipe envolvida e tendo a parceria das famílias neste início de caminhada.

Chegando ao final de 2015 e iniciando esta proposta de pesquisa junto às crianças, observei que o grupo estava bem unido; inteligentes, participativos, questionadores e que de maneira muito especial acolheram colegas que passaram a fazer parte do grupo ao longo do ano.

A decisão por abordar a temática deste estudo a partir da leitura de histórias partiu das possibilidades que o grupo me mostrava nos momentos de leitura e contação de histórias, em que ao longo destas propostas iam colaborando de maneira espontânea com suas hipóteses e comentários sobre os personagens, apresentando ao final das histórias uma situação muito característica do grupo: o desejo de explorar os livros com as próprias mãos, observando as ilustrações com atenção e muitas vezes recontando as histórias individualmente ou na companhia de outros colegas.

Anterior à constituição destes momentos de maneira tão positiva, considerando o fato de que, conforme me foi relatado pelas famílias, a maioria das crianças não vivenciava estes momentos de leitura de histórias em casa, no início e ao longo de todo o ano conversávamos e retomávamos constantemente com as crianças sobre o cuidado com os livros da turma, conscientizando-os da importância deste material.

Considero que todo este movimento contribuiu de maneira positiva na elaboração e desenvolvimento da pesquisa.

### **3.3 Procedimentos de pesquisa**

Para dar início ao processo, foi apresentado para a equipe diretiva um Termo de Concordância para realização da pesquisa na instituição e com o grupo de crianças. Após a leitura e assinatura do termo, foi agendada ao final do mês de novembro de 2015 uma reunião com as famílias da turma a fim de apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicando as intenções e objetivos da pesquisa, apresentando o enredo dos livros que seriam utilizados no projeto e sanar possíveis dúvidas. Recebi a autorização de todas as famílias, o que me deixou muito contente pela disponibilidade de todos em auxiliar o meu trabalho.

O momento não menos importante era o de conversar com os principais participantes: as crianças. Para tanto, organizei junto a elas uma roda explicando a atividade que eu iria realizar com a turma, mas que para isso eu precisava saber inicialmente se todos gostariam de participar, o que foi rapidamente aceito por todos.

Então expliquei que assim como as professoras e suas famílias assinaram um termo que permitia que eu fizesse a atividade com eles, igualmente precisaria das suas assinaturas. Pedi então que todos fizessem um desenho para representar a sua participação no meu trabalho, o seu Termo de Assentimento.

A busca pelos títulos das histórias que iriam compor a minha pesquisa não foi longa, visto que tive algumas sugestões de colegas do curso e de minha orientadora. A leitura dos trabalhos de Zandra Argüello (2005) e Suyan Pires (2009) também me auxiliaram neste sentido, pois trazem títulos de histórias infantis interessantes e motivadores, afins à temática e alguns dos critérios estabelecidos por mim para o desenvolvimento do projeto com a turma.

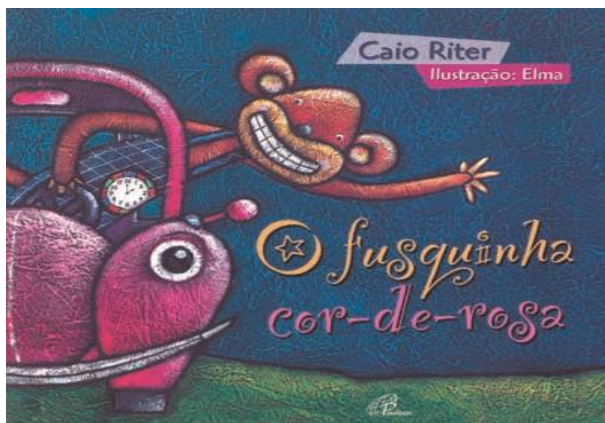
O principal critério para escolha das histórias era que em seu enredo trouxessem questões relativas a gênero que fossem de encontro com situações vivenciadas pelas crianças e trazidas por elas para nosso cotidiano, a fim de identificar quais seriam as suas manifestações frente às situações trazidas pelas histórias.

Além disso, outra característica que considere primordial não somente na escolha destes títulos, mas de maneira geral, é a escolha de livros com um bom senso estético, com boas ilustrações e uma estrutura narrativa que provocasse e envolvesse as crianças na proposta.

Com estes critérios em vista, cheguei à escolha de quatro títulos. A decisão por delimitar esta quantidade foi por considerar ser adequada, primeiramente por se tratar de uma pesquisa qualitativa e também em função do tempo disponível para realizá-la.

Com os títulos definidos, contatei colegas da área que por ventura pudessem ter as histórias como parte de seu material. Com a negativa desta hipótese, fui em busca dos livros em algumas livrarias de Porto Alegre e não obtive sucesso em adquiri-los em loja física, sendo necessário encomendá-los com a justificativa de serem livros utilizados pelas escolas. Recebidos os livros, parti para a exploração e leitura atenta das histórias, definindo neste momento a ordem de leitura das mesmas para as crianças.

Apresento a seguir a capa ilustrativa dos livros e uma pequena descrição das histórias:



**TÍTULO:** O fusquinha cor-de-rosa

**AUTOR:** Caio Ritter

**ILUSTRAÇÕES:** Elma

**EDITORA:** Paulinas

**ANO:** 2013 (6° ed.)

**DESCRIÇÃO:** O livro conta a história do fusquinha cor-de-rosa que vivia triste na caixa de brinquedos de Beto e Bia, pois nenhum dos dois queria brincar com ele porque "meninos não brincam com brinquedos cor-de-rosa e meninas não brincam de carrinho..."



**TÍTULO:** Faca sem ponta, galinha sem pé

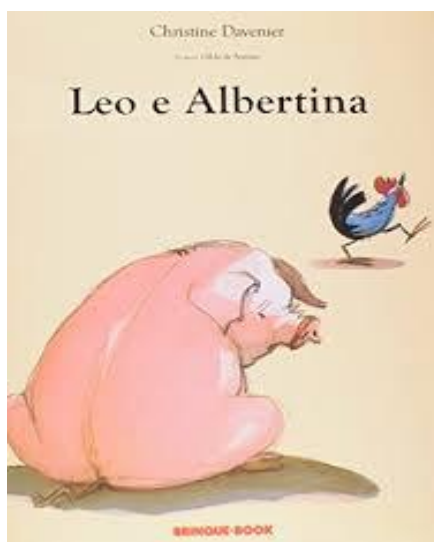
**AUTOR:** Ruth Rocha

**ILUSTRAÇÕES:** Suppa

**EDITORORA:** Salamandra

**ANO:** 2009 (1ª edição reformulada)

**DESCRIÇÃO:** Na obra, as crianças são as protagonistas. Joana e Pedro viviam brigando, mas quando resolvem passar embaixo do arco-íris em um dia de chuva, viram 'João' e 'Pêdra', passando a compreender as coisas que cada um fazia e que eram motivos de briga entre os dois.



**TÍTULO:** Leo e Albertina

**AUTOR:** Christine Davenier

**ILUSTRAÇÕES:** Christine Davenier

**TRADUÇÃO:** Gilda de Aquino

**EDITORORA:** Brinque-Book

**ANO:** 1998

**DESCRIÇÃO:** Leo é um porquinho apaixonado pela galinha Albertina. Mas ele não sabia como chamar a atenção dela, pois Albertina nem notava a sua presença. Então resolveu pedir conselhos a seus amigos.



**TÍTULO:** A princesa sabichona

**AUTORA:** Babette Cole

**ILUSTRAÇÕES:** Geraldo Alves

**TRADUÇÃO:** Mônica Stahel

**EDITORORA:** Martins Fontes

**ANO:** 1998

**DESCRIÇÃO:** Um dia a princesa sabichona recebeu uma ordem de sua mãe: - Trate de arranjar um marido! Acontece que a menina gostava de ser solteira, não queria saber de se casar. Tanto aprontou com seus pretendentes que acabou como queria: solteira e feliz!

A partir das histórias “O fusquinha cor-de-rosa” e “Faca sem ponta, galinha sem pé”, o intuito era confrontar as crianças com as demarcações que faziam no cotidiano a respeito de brinquedos, objetos e materiais como sendo para meninos ou para meninas, estes especialmente determinados por cores e marcas publicitárias.

Já através das histórias “Leo e Albertina” e “A princesa sabichona”, busquei tensionar questões relativas às brincadeiras que realizavam em que representavam papéis de namorados/ marido e mulher, vivenciando relacionamentos culturalmente estabelecidos como norma.

### **3.4 Coletando os dados**

O projeto ocorreu ao longo do mês de dezembro de 2015 no turno da tarde. Para cada livro reservei dois dias de exploração da história, dispostos no planejamento nas terças e quintas de cada semana, tendo cada um desses momentos uma duração de 20 a 30 minutos.

Os momentos de leitura das histórias foram realizados na sala de aula da turma, que apresenta como espaço específico para os momentos de leitura e contação de histórias, com tapumes coloridos de eva e almofadas individuais, bem como uma caixa de livros à disposição das crianças.

Ao longo do projeto as crianças organizavam-se espontaneamente de duas maneiras para ouvir e participar do momento: escolhendo livremente seus lugares, sentavam-se em roda ou dispostos em filas ao lado dos colegas, uma atrás da outra, em forma de “teatro”, com exceção da história “Leo e Albertina” foi apresentada às crianças com o auxílio de retroprojetor, em formato PDF<sup>1</sup>, na sala de multiatividades. Esta foi a única história a que tive acesso online, o que oportunizou que a leitura fosse realizada desta maneira. No segundo dia de exploração da referida história apresentei às crianças o livro, pedindo a elas que explorassem as ilustrações folheando as páginas.

---

<sup>1</sup> Link para a história disponível em: <http://pt.slideshare.net/PROFESSORBILLY/leo-e-albertina-uma-historia-de-amor>.

Além disso, para a leitura da história “O fusquinha cor de rosa” utilizei como ferramenta um palitochê de um fusquinha rosa e, após a leitura e o diálogo com o grupo, o coloquei à disposição na sala para brincadeiras que pudessem surgir após a realização da atividade.

As propostas de apresentação e leitura das histórias tinham início com uma motivação prévia, na qual explorava inicialmente a capa do livro, pedindo para que as crianças relatassem o que estava ilustrado na capa e pedindo que sugerissem quais poderiam ser os títulos da história.

Após este primeiro momento de sugestões e hipóteses, realizava a leitura da história, buscando evidenciar os personagens fazendo uso de vozes diferentes e dando o tom adequado às situações descritas na história, mostrando ao grupo as ilustrações do livro conforme ia realizando a leitura das páginas.

Como forma de tensionar e motivar as crianças a expor seus comentários e opiniões acerca das histórias, após a conclusão das leituras realizei algumas perguntas motivadoras específicas em relação à história e aos seus personagens, como também sobre qual personagem ou parte da história mais gostaram ou se sugeriam algum final diferente para a história. Além disso, foram feitas perguntas improvisadas que surgiam a partir dos comentários que o grupo ia trazendo, com o intuito de aprofundar as discussões e inferir suas representações sobre as questões de gênero, objetivo central da pesquisa.

Como já relatado, realizei a retomada das histórias em outro dia predeterminado, considerando a possibilidade de surgirem novas questões e comentários e também pelo fato de que dentro do tempo disponível para a proposta as crianças tinham interesse por explorar os livros após o encerramento da leitura. Além disso, retomar o enredo das histórias possibilitava que as crianças ausentes na primeira exposição tomassem conhecimento das histórias e contribuíssem com seus comentários.

Para facilitar a compreensão do leitor, apresento uma tabela em que é possível observar os títulos das histórias e as datas em que foram explorados junto ao grupo:

<b>DATAS</b>	<b>HISTÓRIAS APRESENTADAS</b>
01 e 03 de dezembro de 2015	O fusquinha cor-de-rosa
08 e 10 de dezembro de 2015	Faca sem ponta, galinha sem pé
15 e 17 de dezembro de 2015	Leo e Albertina
21 e 23 de dezembro de 2015	A princesa sabichona

Além da leitura das histórias, utilizei como instrumento a observação de situações ocorridas em diferentes momentos da rotina, tais como brincadeiras na sala e no pátio, refeições, nos deslocamentos pela escola, manifestações durante as tarefas, todos estes através das conversas entre as crianças e delas comigo, surgidas a partir da leitura das histórias.

Como forma de registro dos dados obtidos, realizei anotações em um caderno de campo das questões e situações relevantes trazidas pelas crianças, como também as minhas impressões tanto na realização da leitura das histórias quanto do que observei a partir destas. Com o auxílio da monitora que atuava como minha colega de trabalho no turno da tarde junto à turma, fiz registro de imagens dos momentos de leitura e a transcrição das falas que as crianças iam trazendo ao longo de todo o projeto.



#### 4 ENTRE HISTÓRIAS E PERSONAGENS, AS VOZES DAS CRIANÇAS

O presente capítulo tem como objetivo apresentar as análises do material coletado, buscando a partir destas perceber que representações trazem acerca das questões de gênero e seus *scripts*.

Para organização dos dados, foram realizadas (re) leituras do caderno de campo, buscando relações entre os comentários e manifestações das crianças a partir da leitura das histórias, a fim de estabelecer as categorias de análise. Foi durante este processo que selecionei situações e falas que possam oportunizar maior compreensão das análises que trago.

Cada criança, independente da faixa etária na qual se encontra, assume uma postura diferente e singular frente às situações e neste caso, das propostas desenvolvidas no trabalho da professora/pesquisadora. Neste sentido, cabe ressaltar que o grupo em que a proposta foi desenvolvida é composto por crianças expansivas e também as mais tímidas ou que no momento de expor seus comentários, falavam baixinho. Deste modo, houve também crianças que, ainda que participantes da pesquisa, não manifestaram suas opiniões, colocando-se na posição de observadoras, mesmo que convidadas e incentivadas a participar. Confirmando aqui que suas posições e decisões foram acatadas e respeitadas por mim, na medida em que acredito que a própria presença delas nestes momentos contribuíram em seu envolvimento com as questões trazidas pelas histórias.

Além disso, conforme destaca Paiva (2005), “[...] é imperativo que a ética esteja sempre presente ao elaborarmos um projeto de pesquisa, principalmente quando esta lida com seres humanos”. Considerando esta afirmação destaco e é possível verificar através dos anexos que as questões de cunho ético são evidenciadas nos termos encaminhados à instituição e às famílias. Neste sentido, reitero que a identidade das crianças participantes deste estudo se encontra sob sigilo e, desta forma, para a transcrição das suas falas nas cenas a serem apresentadas, foram designados por mim nomes fictícios.

Considero que os apontamentos e análises feitos por mim são apresentados dentro de uma gama de possibilidades no que se refere à temática de gênero e partem das leituras e referenciais nos quais me engajei ao longo deste estudo. Portanto, reitero ser este apenas um dos tantos olhares que podem ser voltados ao tema e as representações que as crianças vão construindo ao longo de suas vidas.

Dito isto, destaco que as contribuições trazidas por cada criança foram centrais e de grande relevância para a pesquisa, possibilitando reflexões e análises importantes sobre o tema investigado.

#### 4.1 Daquilo que permanece: polifonia de vozes

Para dar início às considerações sobre esta categoria, apresento os comentários que surgiram a partir da retomada da história de Ruth Rocha, “Faca sem ponta, galinha sem pé”:

*Professora: “Vamos contar aos colegas que não vieram sobre esta história?”*

*Anderson: “são dois irmãos que passaram por baixo do arco-íris e trocaram de voz”.*

*Luísa: “Só que ele não deixava ela jogar bola...”.*

*Luciana: Só que menina não brinca de bola porque é de menino e é azul, né?”*

*Professora: “Quem disse isso pra ti, Luciana?”*

*Luciana: “Meu pai que disse”.*

*(Proposta realizada em 10 de dezembro de 2015).*

Este trecho possibilitou inferir que muitas vezes as crianças reproduzem discursos elementos que constituem o masculino e feminino a partir do que a cultura hegemônica determina como sendo para um ou para outro, ou seja, “as representações das crianças sobre gênero não podem ser concebidas fora do contexto em que elas estão sendo produzidas como sujeitos generificados” (ARGÜELLO, 2005, p. 95), em um processo que se constitui - considerando a faixa etária na qual o grupo se encontra - desde a mais tenra idade.

Além disso, cabe destacar que estes discursos são proferidos e observados de forma mais restrita pelas crianças através de pessoas que fazem parte de suas vidas desde o nascimento, como também pelos sujeitos com os quais passa a conviver ao longo da vida. A fala de Luciana, ao afirmar que “meninas não brincam de bola”, apresenta uma postura e visão adultocêntrica, que se encontra diretamente relacionada a alguém próximo dela, ou seja, seu pai.

Com isso, é possível afirmar que

[...] as opiniões das crianças, na maioria das vezes, são influenciadas pelos discursos que elas escutam dos familiares e das pessoas com as quais convivem. [...], desde pequenas, elas já se acostumam a ‘classificar’ determinados hábitos, comportamentos, gestos, falas e atitudes como sendo adequados e próprios para homens e mulheres. (FELIPE; GUIZZO, 2008, p. 37).

O trecho apresentado a seguir dá continuidade ao diálogo sobre a bola e traz alguns aspectos a respeito de como, em nossa sociedade atual, estas determinações são estabelecidas e reproduzidas pelas crianças:

*Leandra (ao contrapor-se à fala de Luciana de que bolas são de menino): “Não! Tem bola de menina sim, da Ana, da Elsa...”*

*Luísa: “o meu pai me deu duas bolas e ele deixa eu brincar com a minha prima. Uma é azul com preto e uma rosa de Barbie”.*

*Leandra: “Eu não tenho um irmãozinho pra jogar bola”.*

*(Sobre a história “Faca sem ponta, galinha sem pé”, em 10 de dezembro de 2015)*

O primeiro aspecto ao qual faço destaque se refere à sobre o quanto as crianças atrelam e enfatizam aos sexos cores e marcas presentes em artefatos que direcionam e demarcam, através de seus produtos, para qual criança são endereçados: meninos ou meninas. Ainda que culturalmente a bola seja um brinquedo endereçado aos meninos, a bola da Ana e da Elsa, personagens do filme *Frozen – uma aventura congelante* (2013), é determinada como “bola de menina”, assim como a “bola rosa da Barbie”, conforme pontuam Leandra e Luísa em suas falas. Assim, a partir destas marcas, se torna aceitável que as meninas brinquem com essas bolas.

Conforme aponta Argüello (2005, p. 123),

Desta forma podemos perceber o quanto as diferenças entre meninos e meninas vão sendo sutilmente construídas desde a mais tenra idade, através de pequenos artifícios, tais como o uso de determinadas roupas, a escolha de determinados brinquedos e brincadeiras tidas como ‘próprias’ de cada gênero, etc.

A segunda questão sobre este trecho diz respeito à “dificuldade” para algumas crianças de desmistificar as ideias a respeito dos brinquedos para meninos ou meninas, como na fala de Leandra, que diz não ter “um irmãozinho para jogar bola”, como se este fosse um requisito para que ela enquanto menina pudesse também jogar, ou seja, sobre o quanto é necessário neste momento a presença masculina – o irmãozinho – para justificar a exploração ou o uso de determinados brinquedos/artefatos culturalmente direcionados aos meninos.

A história “Leo e Albertina” apresenta algumas manifestações das crianças que possibilitam fazer alguns apontamentos a respeito das posições de sujeito ocupadas por homens e mulheres em nossa cultura:

*Michel: “Ele ficou triste, o Leo, porque ela pegou o coração dele”*

*Márcia: “Ele ficou muito triste, tadinho...”*

*Luciana: “É, ele ficou triste porque ela não queria brincar com ele, nem dava bola pra ele, aí então ele mostrou a força pra ela”.*

*(Proposta realizada em 15 de dezembro de 2015).*

Ainda que ao comentar sobre o que acharam da história algumas crianças destaquem e demonstrem pena do porco Leo pelo fato de Albertina não dar atenção para ele - e o próprio enredo da história evidenciar um lado mais frágil do homem - percebe-se através da fala de Luciana o quanto o masculino é atrelado à força, na medida em que uma das formas de se fazer notar por Albertina foi, como de fato é apresentado na história, mostrar sua força, o que foi rapidamente observado e destacado pela Luciana.

Além disso, outro apontamento feito pela Luciana novamente aborda a forma como ela percebe as posições de homens e mulheres que foram se constituindo ao longo dos anos, como por exemplo, a mulher enquanto cuidadora e protagonista de afazeres domésticos, quando ela sugere como um final diferente para a história que após ficarem juntos, Albertina “podia fazer comida” para o Leo:

*Luciana: “Eles tem que brincar daí depois a Albertina dá o coração pro Leo. Daí ela podia fazer comida pra ele aí ele ia ficar dormindo assim: roinc, roinc”.*

*(Sobre a história “Leo e Albertina”, em 17 de dezembro de 2015)*

A partir da história “A princesa sabichona”, logo na motivação prévia para a história - em que apresentei a capa do livro e as crianças foram elaborando sobre o que a história poderia contar – percebe-se o surgimento de alguns estranhamentos pela princesa da história, estes apontados especialmente pelas meninas da turma:

*Professora: “O que temos na capa desta história?”*

*Luciana: “É uma menina de moto”*

*Enrico: “E um jacaré”*

*Anderson: “Não é um jacaré, é um dragão. Uma menina e um dragão na moto”.*

*Professora: “Pois então, o nome desta história é “A princesa sabichona”.*

*Luciana: “Princesa não anda de moto”.*

*Professora: “Por que não?”*

*Luciana: “Porque ela tem que andar a pé até o castelo, ou no cavalo”.*

*Luísa: “Por que ela não tá de vestido?”.*

*(Sobre a história “A Princesa Sabichona”, em 21 de dezembro de 2015).*

De fato, a princesa apresentada pela história foge das diversas características que a relacionem às princesas, sendo esta questão possível de ser percebida rapidamente, pois a personagem já traz aspectos diferentes em sua vestimenta e nos modos de se comportar.

Estes estranhamentos apontam, neste sentido, sobre determinadas expectativas não só quanto aos comportamentos das meninas/princesas, mas também sobre o quanto as marcas da feminilidade já devem estar presentes nas posturas e formas de se vestir.

## 4.2 Travessias e espontaneidades

Esta categoria traz apontamentos a respeito de falas e situações promovidas por algumas crianças que demonstraram determinados rompimentos com o discurso hegemônico. Ou seja, foi possível identificar através de manifestações singulares das crianças que em determinados momentos, de forma muito espontânea, atravessavam limites estabelecidos pela sociedade para os sexos e a partir disso passavam a expor e efetivamente suas próprias representações. De maneira ampla, é como se estivessem nestes momentos um afastamento do lugar ao qual culturalmente pertencem para, a partir disso, vivenciar experiências que este afastamento possibilita.

Estas situações surgiram através de falas emergidas durante o momento de leitura das histórias, como também do diálogo que se desenvolveu após a conclusão da proposta. Destaco ainda que estas manifestações de cruzamento de barreiras de gênero foram evidenciadas também em momentos de brincadeiras entre as crianças, onde a fantasia surge como suporte para esta transposição.

Como comentei na justificativa desta pesquisa, a principal motivação para que eu a realizasse era justamente pelas demarcações rígidas que as crianças estabeleciam entre os gêneros, determinando fixamente o que era permitido para um ou outro. Porém ao longo dos dias pude observar sobre o quanto estas demarcações foram cessando e aos poucos essas exigências iniciais foram sendo abandonadas pelas crianças, ainda que em algumas situações ocorresse de se confrontarem novamente com isso. Portanto, é possível afirmar que

[...] As respostas das crianças dão pistas interessantes sobre a forma como elas pensam sobre as questões de gênero, mas também espelham as maneiras em que essas crianças se tornam sujeitos generificados. Estas maneiras não são lineares, não são estáveis, nem estão isentas de contradições e conflitos, e é por isso que crianças podem migrar de um discurso hegemônico para um outro que proponha determinadas rupturas sem maiores problemas (ARGÜELLO, 2013, p. 115).

A mesma autora observa ainda que “se os estudos sobre crianças e gênero são escassos, parece que estes tem se dedicado a teorizar sobre aquilo que diferencia estas duas categorias de gênero, pois poucas pesquisas detêm-se na observação de possíveis rupturas entre comportamentos esperados por um ou outro” (ARGÜELLO, 2005, p. 106). Neste sentido, acredito que apontar para estas situações que ocorreram quase que em equilíbrio com as apresentadas na primeira

categoria de análise que trago neste estudo contribuem para a reflexão e o olhar atento a estas “possíveis rupturas”, possibilitando que as crianças vivenciem e disponham suas construções e hipóteses sobre o mundo que as cerca e do qual fazem parte.

Agora, apresento as situações que abordam o que exponho no início deste texto e as inferências que fiz a partir delas, oportunizando ao leitor que perceba sobre a forma que as crianças operam e vivenciam as questões de gênero por elas mesmas.

A partir da primeira história apresentada às crianças (“O fusquinha cor de rosa”) foi possível perceber o surgimento de pequenas falas que demonstraram pela espontaneidade com que foram ditas marcas deste rompimento:

*Durante a exposição da história, no momento em que li que meninas não brincam de carrinho, Leandra interrompe, dizendo: “eu brinco!” (caderno de campo, em 01 de dezembro de 2015).*

Cabe destacar que, ao apresentar a capa do livro para a turma, as crianças apontaram que já conheciam a história:

*Professora: “vocês já conhecem essa história?”  
 Todos dizem que sim.  
 Professora: “e o que conta essa história?”  
 Anderson: “É de men... rosa não é de menina, é só de menino também. De menina e de menino o rosa”.  
 (Proposta realizada em 01 de dezembro de 2015).*

Na releitura dos planejamentos da turma, observei que, de fato, as crianças realmente conheciam a história, que havia sido apresentada ao grupo pela monitora do turno da manhã. Contudo, esta foi uma proposta realizada no início do ano, no período de adaptação. A partir disso considere não apenas o fato de as crianças recordarem-se de uma situação ocorrida há certo tempo - considerando que eu estava naquele momento rerepresentando o livro para o grupo no final do ano – mas especialmente por Anderson ter apontado a conclusão que o livro apresenta, que demonstra além da boa memória acerca do enredo da história, a marca que ela deixou a partir desta consideração.

Além disso, outras duas questões que gostaria de enfatizar e que surgiram através desta mesma história foi primeiramente o desprendimento das crianças quando, ainda que colocadas em confronto com as ideias e afirmações trazidas pela

história, apontaram que gostariam de brincar com o fusquinha. Ainda, algumas crianças destacam o personagem macaco-relógio como seu preferido, pois ele ajudou o fusquinha cor-de-rosa quando ele estava triste.

Como já citado na metodologia, utilizei durante a leitura da história um palitochê de um fusquinha rosa, personagem principal do livro. Ao concluir a leitura e o diálogo com o grupo sobre a história, coloquei o mesmo à disposição das crianças e passei a observar suas manifestações:

*Ao colocar o palitochê à disposição das crianças, notei que a sua maioria mostrou interesse em brincar com ele. Tanto meninas quanto meninos – Michel, Luísa, Thamara, Enrico, Daniel, Lucas - o utilizaram nas suas brincadeiras, como personagem principal ou como suporte para outros “personagens” – bonecas, legos e bonecos, e essa situação ocorreu pelo restante da semana. (Caderno de campo, em 04 de dezembro de 2015).*

Nota-se a partir da leitura desta história, portanto, um acolhimento tanto ao personagem quanto ao objeto/brinquedo – o fusquinha rosa – que foi explorado pelo grupo e circulou entre diversas brincadeiras.

Trago também algumas considerações a partir da leitura da história “Faca sem ponta, galinha sem pé”, quando conversamos a respeito da troca de vozes dos irmãos Pedro e Joana:

*Professora: “E quando eles trocaram de voz, antes de passar pelo arco-íris, o que vocês acharam?”*

*Todos: “Legal!”*

*Professora: “E quem tem irmãos aqui?”*

*Michel: “Eu tenho só irmã”.*

*Anderson: “Eu tenho só irmão”.*

*Enrico: “Eu tenho irmão e irmã”*

*Professora: “E o que será que ia acontecer se vocês também trocassem de voz com a mana ou o mano, hein? O que vocês iam fazer?”*

*Michel: “Eu não posso trocar de voz com minha mana porque ela é bebê e eu já sou grande”.*

Nota-se a partir deste trecho do diálogo ao ser confrontado com uma situação da história e questionado sobre como reagiria com essa situação colocada para si, o estranhamento apontado por Michel é atrelado à diferença de idade entre ele e sua irmã, e não ao fato de ele ser menino e ela menina, como apontado pela história.

No que se refere ao rompimento de determinados padrões relacionados às posturas masculinas, o diálogo a seguir vai apontar um cruzamento entre a fala e



reprodução adultocêntrica e o que é relatado pela criança de forma espontânea sobre o que vive:

*Professora: “E quando o Pedro estava jogando bola, machucaram ele no futebol, o que aconteceu?”*

*Anderson: “Ele chorou”.*

*Michel: “Ele contou pro pai dele”.*

*Professora: “E o que o pai dele falou?”*

*Luísa: “Que homem não chora”.*

*Professora: “E homem não chora?”*

*Leandra: “Só mulher”.*

*Neste momento Lucas faz sinal com a cabeça que não. Quando questionado, diz: “eu não choro”.*

*Professora: “Mas e quando vocês se machucam como o Pedro na história, vocês não choram?”*

*Daniel: “eu choro sim, aí meu pai e minha mãe cuidam de mim”.*

*(Sobre a história “Faca sem ponta, galinha sem pé”, em 10 de dezembro de 2015).*

Neste diálogo, portanto, a fala de Daniel quando afirma que chora vai de encontro com a situação trazida pela história - em que o pai de Pedro diz que homem não chora – e rompe com a ideia culturalmente estabelecida de que homens não devem expressar publicamente seus sentimentos, principalmente através do choro.

Outro ponto ao qual desejo fazer destaque diz respeito às situações que emergiram especialmente a partir da leitura das duas últimas histórias apresentadas ao grupo: “Leo e Albertina” e “A princesa sabichona”, que traziam questões de relacionamento:

*Professora: “O Leo tava apaixonado pela Albertina. Alguém sabe o que é se apaixonar?”*

*Luciana: “Ah, é se casar, beijar...”*

*Enrico: “Casar”.*

*Ricardo: “É, mas só os grandes podem”.*

*(Sobre a história “Leo e Albertina”, em 15 de dezembro de 2015).*

*Leandra: “Um dia a Laís disse que queria casar com o Enzo”.*

*Luísa: “Mas não pode porque só princesas grandes casam”.*

*Luísa: “Eu não quero casar porque eu não gosto, só quando eu for grande”.*

*(Sobre a história “A princesa sabichona”, em 23 de dezembro de 2015).*

Como é possível perceber, após a leitura destas histórias surgiram comentários que evidenciavam confrontos encontrados nas vivências/descobertas acerca de suas sexualidades, onde ao mesmo tempo em que afirmam que “apenas os grandes” (adultos) podem casar ou namorar, representavam/encenavam em suas brincadeiras estas situações:

*Ao longo dos dias, tendo como ponto de partida o desenvolvimento do projeto, observei que as brincadeiras de namoro/casamento se intensificaram e são propostas geralmente por Luciana, Enrico, Luísa e Anderson, sendo observadas e relatadas para mim por Leandra. Percebo que, ainda que tenhamos conversado sobre estas questões a partir da leitura das histórias, estas brincadeiras permanecem “veladas” entre as crianças. Assim, para realizá-las, constroem barracas, vão para baixo das mesas ou para espaços em que possam brincar sem serem “incomodadas”.*

*Em determinada ocasião, ao final da tarde notei que Luciana e Anderson estavam embaixo de uma das mesas de nossa sala e dali surgiam sorrisos tímidos e cochichos. Quando perceberam minha presença e ao serem questionados sobre o que estavam brincando, Anderson demonstrando timidez e susto por ter sido “descoberto”, respondeu que estavam “brincando de amor”.*

*(Caderno de campo, 23 de dezembro de 2015)*

Há muito tempo a sexualidade e as abordagens sobre esta temática são geralmente evitadas ou discutidas sob um viés biológico, e esta situação se torna ainda mais comum especialmente na Educação Infantil, negando-se muitas vezes a “chegada” deste tema nestes espaços.

A partir da investigação, aliada às questões de gênero, surgiu aos poucos entre algumas crianças a curiosidade sobre sexualidade e sua experimentação nas relações e brincadeiras com os colegas.

Existe um discurso dominante que reforça e nega a existência de sexualidade na infância e neste sentido, “[...] a sexualidade parece ser sempre precoce, dada a significação tão incorporada de criança como sinônimo de inocência e pureza (CRUZ *apud* SAYÃO, 2003, p. 74).

Além das considerações que surgiram, a partir do diálogo com as crianças em relação com as histórias, emergiram também outras situações, estas em especial nos momentos de brincadeiras. Em tais momentos, as crianças se permitiam explorar e vivenciar outros *scripts* e personagens, sem que isso acarretasse em algum julgamento por parte do grande grupo.

Aponto ainda que esta situação ocorreu especialmente entre os meninos – Enrico, Ricardo, Lucas, Daniel - sendo possível observá-los em diversos momentos explorando tecidos e fantasias, utilizando-os como saias ou cabelos compridos.

Neste sentido, atribuo à brincadeira o lugar no qual as crianças sentem-se à vontade para, através da fantasia e das interações com seus colegas, construir e estabelecer efetivamente suas representações e aprendizagens em relação às questões de gênero, rompendo barreiras rigidamente estabelecidas, recriando significados culturais atribuídos ao masculino e ao feminino e a partir disto produzindo sua própria cultura. Portanto, as crianças “quando brincam de fantasia ou de faz-de-conta, experimentam e representam papéis que estão para além das convenções sociais e determinações de gênero”. (SAYÃO, 2003, p. 76).

Portanto, a partir destas considerações, é possível inferir de maneira geral, sobre o quanto as experiências que as crianças vivenciam e as aprendizagens daí advindas são atravessadas pelas questões de gênero. Também é importante considerar o quanto os adultos podem contribuir positivamente nas elaborações e manifestações das crianças a respeito de suas vivências relacionadas ao tema, na medida em que fazem parte destas experiências concretas das crianças e a partir delas podem fazer com que percebam a relevância de se relacionarem entre si de maneira respeitosa.

Cabe também reiterar a visão da escola como um espaço que pode propiciar as crianças através da interação entre elas essas situações, possibilitando o diálogo, as negociações, os acordos e vivências que vão, aos poucos, contribuindo para uma sociedade mais igualitária. Para isso,

[...] não basta considerar que há meninos e meninas nos espaços de vivência na Educação Infantil. É preciso saber como as crianças produzem/reproduzem, em suas relações, modos de ser homem e mulher, ou menino e menina, que trazem conseqüências para sua convivência com o grupo, assim como para suas vidas. (SAYÃO, 2003, p. 78)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou investigar quais são as manifestações de crianças na faixa etária 3-4 anos de uma escola de educação infantil de Porto Alegre sobre questões de gênero e a partir disto refletir sobre de que forma estas representações vem sendo construídas em nossa cultura.

De acordo com os achados da pesquisa, é possível inferir que as crianças vivenciam as questões de gênero a partir de cruzamentos entre o discurso determinado pela cultura da qual fazem parte e o seu rompimento através de manifestações singulares que surgem especialmente nos momentos de brincadeira, como também a partir de algumas situações trazidas pelas histórias. Tais momentos permitem que elas possam ser confrontadas em suas concepções, trazendo novas possibilidades e esperanças para a vivência destes atravessamentos na escola, quando estes são de fato permitidos de serem vividos e experienciados pelas crianças a partir de suas próprias sugestões e hipóteses, suas formas espontâneas e subjetivas de produzir cultura.

Portanto, ao concluir este estudo destaco algumas considerações a respeito dos aprendizados e reflexões que esta caminhada oportunizou.

A primeira delas é sobre o quanto os livros podem ser um importante instrumento para problematizar/desconstruir aqueles mecanismos sutis que a cultura usa na produção e legitimação das masculinidades e feminilidades. Portanto, “apresentar tais histórias pode suscitar outras formas de representações, para além daquelas já fortemente estabelecidas, permitindo assim uma visão mais plural e mais rica das relações de gênero”. (ARGÜELLO, 2005, p. 158).

Os livros escolhidos para serem explorados junto à turma são parte de uma gama de títulos que mostram histórias que apresentam em seus enredos situações que legitimam e reforçam desigualdades e diferenciações entre homens e mulheres, impondo normas e condutas, delimitando o que é certo ou errado para um ou outro. Assim, “os livros podem também provocar outros meios de diálogo com o público leitor e instigar novas formas imaginativas de produção de subjetividades – ser menina e ser menino, brincar de novos jeitos e vivências e produzir práticas de liberdade” (FILHA, 2014).

A partir destas considerações, é possível reafirmar que

“[...] a literatura pode ser um importante artefato para problematizar as relações de poder entre homens e mulheres e principalmente para

desconstruir aqueles mecanismos sutis que a cultura usa na produção e legitimação das masculinidades e feminilidades. [...] não se trata de ter a expectativa de mudar o comportamento ou a opinião das crianças sobre o tema das desigualdades, mas colocá-las em contato com belas histórias, ricas na sua visualidade e na sua linguagem, a fim de discutir a temática do gênero. (ARGÜELLO, 2013, p. 121).

Aliado a isso, faço também alguns apontamentos a respeito da importância e da necessidade de uma discussão que se mostra cada vez mais emergente sobre a temática de gênero nas escolas (especialmente na educação infantil), e sobre o qual o papel do adulto - neste caso o de professores e professoras atuantes nesta área – e o trabalho desenvolvido frente a estas questões. Porém, conforme aponta Guizzo (2013), há uma grande carência de discussões em torno dos temas relacionados às temáticas de gênero e sexualidade nos cursos de formação docente. Tal fato acaba por dificultar a problematização de situações emergidas na escola.

Tendo em vista esta necessidade, se coloca o desafio de que o tema e seus desdobramentos sejam enfocados na formação destes profissionais (tanto inicial quanto continuada), a fim de que oportunizem condições teóricas para trabalhar com situações que venham a surgir no cotidiano e que representem um suporte para suas ações, tanto junto às crianças quanto na relação com suas famílias.

Muitas vezes propostas com esta temática são vistas com estranhamento e tensão por parte das famílias, mas “é importante esclarecer aos pais e responsáveis que tudo na escola pode ser transformado em tema de discussão, pois a criança tem o direito de questionar e ver quaisquer de suas dúvidas esclarecidas” (FELIPE, 2001, p. 62).

Conforme aponta Bencini (2007, p. 104) “trabalhar a questão de gênero flexibiliza os papéis sociais e evita preconceitos”. Assim, em nossas ações junto às crianças, a abordagem do tema pode iniciar a partir do que elas mesmas nos trazem, buscando compreender de que forma elas articulam estas questões em suas falas, hipóteses, expressões e brincadeiras.

Além disso, acrescento também sobre os importantes aprendizados que eu, no papel de professora e pesquisadora, pude perceber ao longo da releitura do material obtido e apontamentos feitos pela minha orientadora, nos quais pude perceber sobre o quanto nós, educadoras/es, enquanto constituintes desta cultura e tendo em vista a carência de discussões ao longo de nossa formação, muitas vezes vacilamos em nossas intervenções junto às crianças e acabamos sutilmente caindo

nas amarras destas diferenciações com as quais nos deparamos e temos que enfrentar no dia-a-dia junto delas.

Por essa razão, desenvolver esta pesquisa contribuiu muito para minha formação, tanto pessoal quanto profissional, me levando a observar sobre o quanto muitas vezes é necessária essa busca individual por estudos que oportunizem discussões de temas e situações que vivenciamos na prática que a formação para nossa profissão não dá conta de abordar e problematizar.

Além disso, este processo de investigação estimulou meu silenciamento para, a partir dele, ouvir e perceber as manifestações das crianças, suas singularidades na apropriação dos saberes sobre gênero que elas mesmas, nas interações entre elas, constroem.

Por este motivo, reitero sobre a importância de realizar pesquisas que não somente olhem para as crianças e suas necessidades, mas que a partir deste olhar também passem a escutá-las, pois assim será possível “ver as crianças não mais como objetos passivos da socialização determinada pelas instituições ou pela família, mas como sujeitos ativos e portadores de grande capacidade para produzir a cultura”. (SAYÃO, 2003, p. 69).

Para finalizar, acredito que em grande medida os objetivos da pesquisa foram alcançados, possibilitando a reflexão e problematização da temática a partir das vozes e manifestações das crianças. Os resultados possibilitam que professores e professoras olhem para suas práticas, seus erros e acertos nas intervenções que fazem, quando de encontro com vivências junto às crianças.

É necessário, portanto, analisar seu próprio fazer docente com vistas à qualifica-lo, buscando o enfrentamento e a realização de propostas sobre o tema. Isto significa dizer que determinados temas não devem ser evitados, negando às crianças a possibilidade de serem explorados e abordados em seu cotidiano. Torna-se importante que elas tenham e sintam liberdade de explicitar suas dúvidas e hipóteses sobre este tema e as outras tantas curiosidades e descobertas que as movem.

## 6 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ARGÜELLO, Zandra Elisa Argüelo. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil**. 2005. Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_; Contos a favor da equidade de gênero In: FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada (Orgs.). **Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação**. Canoas: Ed. ULBRA, 2013.

BENCINI, Roberta. Brincadeiras não têm sexo. In: **Revista Pátio Educação Infantil**, junho/julho, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FILHO, Altino José Martins. **Metodologias de pesquisas com crianças**. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 8-28, jul./dez., 2010.

COLE, Babette. **A princesa sabichona**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DAVENIER, Christine. **Leo e Albertina**. São Paulo: Brinque-book, 1998.

DERMATINI, Zélia de Brito Fabri. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; DERMATINI, Zélia de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

FELIPE, Jane. Sexualidade, gênero e novas configurações familiares: algumas implicações para a Educação Infantil. In: CRAIDY, Carmen; KAERCHER, Gládis Elise. (Orgs.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. **O que as crianças têm a dizer sobre relações de gênero: algumas implicações para a pesquisa em educação**. 2004. Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12\\_08\\_05\\_O\\_QUE\\_AS\\_CRIANCAS\\_TEM\\_A\\_DIZER SOBRE\\_RELACOES\\_DE\\_GENERO\\_ALGUM.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_08_05_O_QUE_AS_CRIANCAS_TEM_A_DIZER SOBRE_RELACOES_DE_GENERO_ALGUM.pdf)> Acesso em 04/03/2016.

\_\_\_\_\_; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

FILHA, Constantina Xavier. **Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância.** In: Educar em Revista. Curitiba, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602014000500011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000500011)> Acesso em 05/03/2016.

GUIZZO, Bianca Salazar. Masculinidades e feminilidades em construção na Educação Infantil. In: FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada (Orgs.). **Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação.** Canoas: Ed. ULBRA, 2013.

GUIZZO, Bianca Salazar; FELIPE, Jane. **Rompendo com os *scripts* de gênero e de sexualidade na infância.** 2016.

KAERCHER, Gládis Elise. E por falar em Literatura... In: CRAIDY, Carmen; KAERCHER, Gládis Elise. (Orgs.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira: histórias & histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013

NARODOWSKI, Lutiane. **Dialogando com crianças sobre gênero no contexto da cultura de pares.** Porto Alegre: UFRGS, 2014. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Infantil) – Programa de Pós-Graduação em Educação. MEC/UFRGS. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Reflexões sobre ética na pesquisa. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada.** Belo Horizonte. Vo. 5, n. 1. p. 43-61, 2005. Disponível em <http://www.veramenezes.com/etica.htm> <Acesso em 28/01/2016>.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. **“Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...”: o amor romântico na literatura infantil.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. 191 p. Dissertação (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

RITTER, Caio. **O fusquinha cor-de-rosa.** São Paulo: Paulinas, 2013.

ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta, galinha sem pé.** São Paulo: Salamandra, 2009.



SAYÃO, Déborah Thomé. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. In: **Pro-posições**, v.14, n° 3 (42) – set/dez. 2003.

SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil**. 1995. Disponível em: <[http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_gensex/SexualidadeInfantil.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf)>  
Acesso em 04/03/2016.

## APÊNDICES

A



---

### TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

O presente documento integra parte da pesquisa intitulada provisoriamente como *Manifestações das crianças sobre questões de gênero através da literatura infantil*, realizada para fins do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em docência na Educação Infantil MEC/UFRRGS, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jane Felipe. A pesquisadora responsável é Fernanda Bittencourt de Oliveira, professora desta escola e aluna do referido curso.

O objetivo central consiste em, a partir da leitura de histórias da literatura infantil, investigar as representações de gênero que as crianças na faixa etária 3-4 anos apresentam, discutindo com elas de que forma tais concepções são construídas na cultura. Utilizaremos, para este fim, quatro livros que serão apresentados ao grupo de crianças dentro do período em que se encontram na escola, no turno da tarde.

A proposta de leitura das histórias terá duração aproximada de 20 a 30 minutos, podendo ser utilizados também técnicas que possibilitem e permitam uma maior participação das crianças, como por exemplo, a problematização de tais histórias através de perguntas de caráter aberto e também a observação de situações que possam surgir a partir da leitura destas histórias nos diferentes momentos da rotina.

Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante e para os pais ou responsáveis pelas crianças.

As famílias serão claramente informadas de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto as famílias quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

A pesquisadora compromete-se a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho e garante que os dados e resultados estão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

---

Pelo presente termo e tendo em vista os itens acima apresentados, concordamos que as crianças da faixa etária 3-4 anos que estudam nesta instituição participem do presente estudo.

---

Escola

---

Nome do responsável

---

Assinatura do Responsável

---

Assinatura da pesquisadora

---

Orientadora da pesquisa

Agradecemos a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais através do telefone (51) 3308-3099.

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

B



---

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PREZADAS FAMÍLIAS

O presente documento integra parte da pesquisa intitulada provisoriamente como *Manifestações das crianças sobre questões de gênero através da literatura infantil*, realizada para fins do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em docência na Educação Infantil MEC/UFRGS, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jane Felipe. A pesquisadora responsável é Fernanda Bittencourt de Oliveira, professora desta escola e aluna do referido curso.

O objetivo central da pesquisa consiste em, a partir da leitura de histórias da literatura infantil, investigar as representações de gênero que as crianças na faixa etária 3-4 anos apresentam, discutindo com elas de que forma tais concepções são construídas na cultura. Para tanto, utilizaremos quatro livros que serão apresentados ao grupo de crianças dentro do período em que se encontram na escola, no turno da tarde.

A proposta de leitura das histórias terá duração aproximada de 20 a 30 minutos, podendo ser utilizados também técnicas que possibilitem e permitam uma maior participação das crianças, como por exemplo, a problematização de tais histórias através de perguntas de caráter aberto e também a observação de situações que possam surgir a partir da leitura destas histórias nos diferentes momentos da rotina.

A pesquisadora compromete-se a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho e garante que os dados e resultados estão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

Gostaríamos de esclarecer que sua contribuição é totalmente voluntária. Por isso, você pode se recusar a participar ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

---

Pelo presente Termo de Consentimento e tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, autorizo meu/minha filho/a – ou criança sob minha responsabilidade – a participar desta pesquisa.

---

Nome da criança

---

Nome do responsável

---

Assinatura do Responsável

---

Assinatura da pesquisadora

---

Orientadora da pesquisa

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos através do telefone (51) 3308-3099.

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

C



**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL  
MEC/UFRGS – 2º EDIÇÃO

---

**PROJETO PEDAGÓGICO**

**MATERNAL 2A 2015/2**

**Título do Projeto:** Literatura infantil e gênero

**Justificativa**

A origem desta temática se dá especialmente por situações vivenciadas na turma e que ao longo do tempo foram se estendendo à maioria do grupo, a saber: em diferentes momentos do dia surgem comentários diversos sobre o que as crianças consideram mais apropriado para meninas e para os meninos – roupas, brinquedos, cores, etc. – em especial diante de alguma atividade proposta (alguns acham que a cor rosa deve ser usada somente pelas meninas e se recusam a utilizá-la, por exemplo). Também por vezes, em suas brincadeiras, algumas crianças criam situações em que são namoradas ou namorados de seus colegas ou utilizam-se dos brinquedos da sala (bonecos e bonecas) para criar estas situações.

Refletindo sobre quais abordagens são importantes e contribuem de forma significativa no desenvolvimento das crianças, pretendo a partir deste projeto de literatura, investigar quais são as representações de gênero que as crianças possuem e problematizar com elas esses papéis, rigidamente estabelecidos em nossa sociedade.

Busco aprofundá-lo e desenvolvê-lo especialmente através da leitura de histórias da literatura infantil principalmente por ser este um momento apreciado e muito bem aproveitado pela turma ao longo deste ano e por considerar a literatura

infantil, com seus livros, histórias e temáticas um importante artefato para abordar questões que frequentemente fazem parte do cotidiano das crianças.

### **Objetivo geral**

A partir da leitura de histórias da literatura infantil, investigar as representações de gênero que as crianças na faixa etária 3-4 anos apresentam, discutindo com elas de que forma tais concepções são construídas na cultura.

### **Principais atividades**

- Leitura dos livros listados abaixo:

“A princesa Sabichona”, Babette Cole;

“Faca sem ponta, galinha sem pé”, Ruth Rocha;

“Leo e Albertina”, Christine Devaine;

“O fusquinha cor-de-rosa”, Caio Riter.

- Coleta de imagens e anotações em diário de campo das falas e reações das crianças durante a leitura e ao final das histórias.

- Observação de brincadeiras ou outras situações que venham a ocorrer a partir da leitura das histórias.

## ANEXOS

A

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
DAS CRIANÇAS DA TURMA MATERNAL 2A**